



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

PROCURADORIA GERAL DA REPÚBLICA

7ª CÂMARA DE COORDENAÇÃO E REVISÃO (CONTROLE EXTERNO DA ATIVIDADE POLICIAL E SISTEMA PRISIONAL)

Ofício nº 85 /2016 – 7ªCCR

Brasília, 13 de setembro de 2016.

A Sua Excelência o Senhor
DR. THIAGO LACERDA NOBRE
Procurador da República
Procurador-Chefe
Procuradoria da República em São Paulo
São Paulo - SP

Assunto: Encaminhamento de notícias

Senhor Procurador-Chefe,

Cumprimentado-o cordialmente, e considerando a deliberação do Colegiado da 7ª Câmara em sessão de coordenação realizada nesta data, encaminho as notícias anexas acerca de atuação de oficial do Exército Brasileiro, infiltrando-se em meio a manifestantes e, ao que parece, gerando a ocorrência de diversas prisões que foram declaradas ilegais pelo Poder Judiciário, e solicito os bons préstimos de Vossa Excelência no sentido de distribuir este expediente a um dos ofícios vinculados a esta 7ª CCR, para as providências cabíveis no âmbito do controle externo da atividade policial federal, sem prejuízo das atribuições do Ministério Público Militar.

Atenciosamente,

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Mario Luiz Bonsaglia'.

MARIO LUIZ BONSAGLIA
Subprocurador-Geral da República
Coordenador da 7ª CCR

Redes
Sociais



“Infiltrado do Tinder” que espionava manifestantes é capitão do Exército

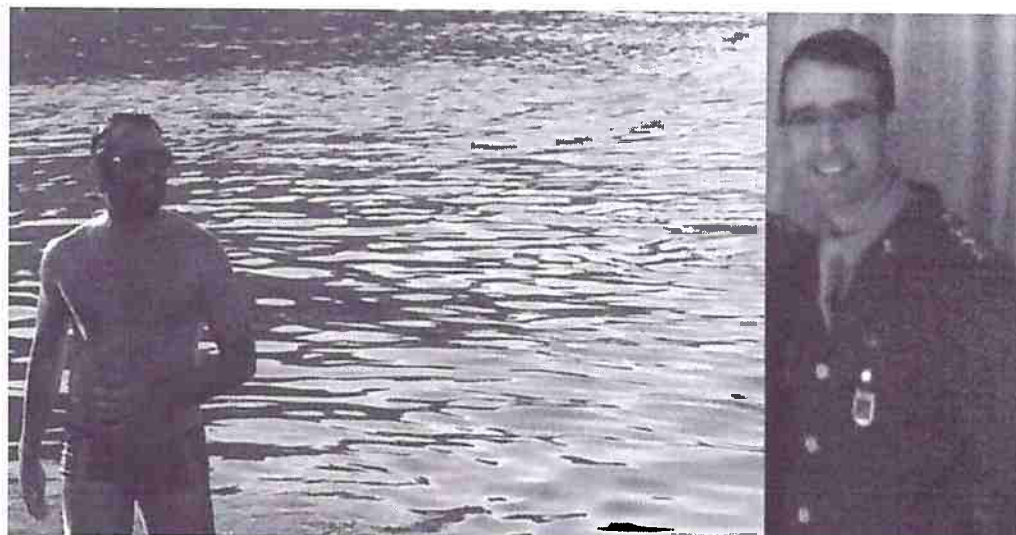
E-mail:
reportagem@ponte.org

9 set, 2016 por Fausto Salvadori

30.1K

969

Oficial de inteligência ajudou a Polícia Militar de São Paulo a prender 21 jovens no domingo, numa ação ilegal que juiz comparou à ditadura

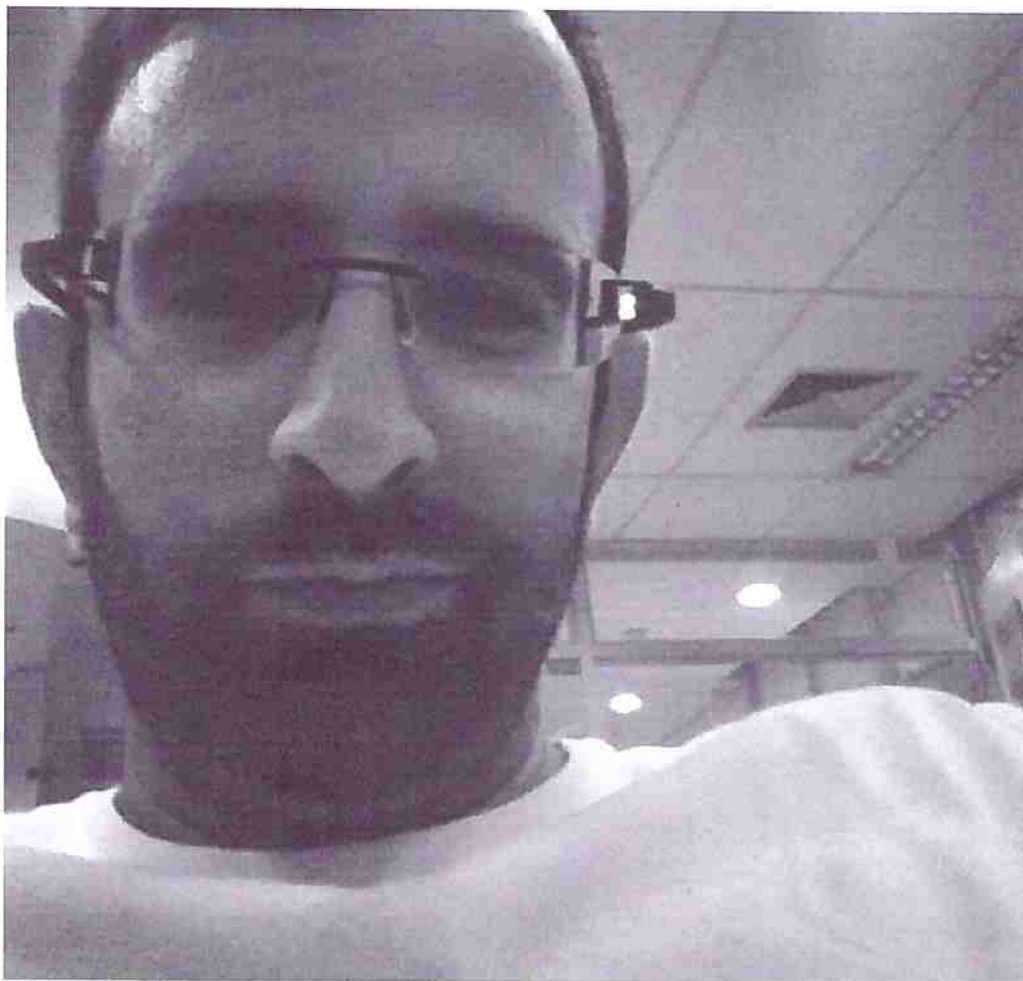


Botelho na foto em que se exibía como Balta, no Tinder e, à direita, vestido com traje militar

A verdadeira identidade de **Baltazar Nunes**, o Balta, falso militante que usava o aplicativo de paquera Tinder e outras redes sociais para se infiltrar em movimentos sociais e de esquerda, é a do capitão de inteligência do Exército Willian Pina Botelho.


A identidade de Botelho foi informada inicialmente à reportagem por conhecidos do militar que viram a foto de Balta publicada ontem pela Ponte. Posteriormente, a reportagem confirmou a informação ao mostrar fotos do capitão para cinco pessoas diferentes que haviam sido enganadas por Balta.

Natural de Lavras (MG), Willian Pina Botelho formou-se em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende (RJ), ficou lotado inicialmente em Araguari (MG), onde organizava os leilões dos materiais, e concluiu o mestrado em Operações Militares na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, na capital carioca. Em 2013, com mais dois colegas, publicou na revista militar A Lucerna um artigo, A inteligência em apoio às operações no ambiente terrorista [↗](#), em que alertava para os riscos de ataques terroristas no Brasil.



Botelho antes de adotar o visual de Balta Nunes

O oficial vinha atuando em São Paulo pelo menos desde o ano passado. Durante esse tempo, morou em um prédio da Avenida

Brigadeiro Luís Antônio, 3249, no apartamento 906, que está em nome  do general de brigada Manoel Morata Almeida, primeiro comandante da Base e Administração e Apoio do Ibirapuera. Ali, os funcionários do prédio o conhecem pelo nome verdadeiro e sabem que Botelho trabalha para o Exército.

Sob a falsa identidade de Balta, o militar buscava se aproximar de militantes de esquerda através de contatos nas redes sociais e da participação em manifestações e protestos. A máscara de Balta-Botelho, porém, caiu por terra no último domingo (4/9), quando a Polícia Militar mobilizou uma operação com ônibus, helicóptero e uma dezena de viaturas para prender 21 jovens que estavam reunidos no Centro Cultural São Paulo (CCSP), na região central, de onde pretendiam seguir para participar de um ato contra o presidente Michel Temer (PMDB), na Avenida Paulista.


Pelo tamanho do aparato mobilizado pela PM, os jovens perceberam que se tratava de uma operação planejada com antecedência e desconfiaram que devia haver alguém infiltrado no grupo passando informações à polícia. Como Balta foi o único detido que acabou liberado logo em seguida pelos policiais, ficou claro que só podia ser ele. Questionado pelos colegas, Balta chegou a dizer que havia escapado por ter oferecido suborno aos policiais civis, mas a desculpa não convenceu ninguém.


Em 5/9, mães fazem vigília diante do Fórum Criminal da Barra Funda

Depois que o juiz Rodrigo Tellini de Aguirre Camargo mandou soltar os manifestantes presos e comparou a prisão sem provas dos jovens à ditadura militar, Balta apagou seus perfis nas redes sociais e sumiu, não sem antes anunciar que daria um tempo por causa de “pessoas que não entende a nossa luta”.

Paqueras e tocos

O capitão Willian Pina Botelho que aparece nas redes sociais é homem ligado à família, que curte viajar e ir a shows, toca violão, arrisca-se a compor alguns sambas e gosta de ler. Conhecidos do militar dizem que ele nasceu em uma família humilde, mas os pais se esforçaram para matriculá-lo nos

melhores colégios. Enfrentou duas tragédias: um câncer que levou sua mãe e o assassinato  do irmão.

Na sua lista de livros  favoritos, biografias e obras cristãs se misturam a títulos sobre estratégias militares, como A utilidade da força – a arte da guerra no mundo moderno, de Rupert Smith, que ensina a a “combater inimigos sem uniforme” e “conquistar os corações e as mentes”.

O capitão Botelho numa viagem ao Leste Europeu Foto: Instagram

Na batalha pelos corações e mentes da militância de São Paulo, o capitão buscou se misturar aos ativistas deixando crescer barba e cabelo e tentando imitar os jargões do meio. A tentativa de infiltração, porém, tinha lá as suas falhas.

No aplicativo de paquera Tinder, ostentava uma frase falsamente atribuída a Karl Marx (“Democracy is the road to socialism”). E, falando com pessoas que conheceram Balta, a reportagem da Ponte teve a impressão de que o disfarce do capitão nunca fez muito sucesso. Nos seus melhores momentos, era visto como um iniciante. E, nos piores, como um mala.

“Da primeira vez em que nos vimos, Balta disse que me conhecia do Facebook e começamos a conversar. Ele me pareceu uma pessoa de esquerda com posições moderadas, que estava começando na militância”, conta um ativista de um movimento social.

No Tinder, em que o militar aparentemente tentava combinar diferentes tipos de infiltração, misturando paquera e busca de informações, os resultados podiam ser constrangedores. “Há um tempo cruzei com esse cara no Tinder e realmente tinha me soado esquisito, meio forçado. Ele foi logo perguntando de uma conhecida em comum, que é bem militante. Achei bizarro e desconversei, nunca mais falei com ele”, contou à Ponte uma servidora municipal.

Numa conversa com outra jovem, a tentativa de parecer um cara legal e defensor das minorias levou o oficial do Exército a tomar um toco:

Até o momento, como nem Forças Armadas ou Secretaria da Segurança Pública se manifestaram, a reportagem desconhece os motivos que levaram o Exército a participar, junto com as polícias de São Paulo, de uma operação policial tão abusiva que fez um juiz declarar em sua decisão: “Vivemos dias tristes para nossa democracia. Triste do país que seus cidadãos precisam aguentar tudo de boca fechada”.

A julgar por um de seus posts antigos no Instagram, contudo, o capitão Botelho sabe que não poderá usar o argumento das ordens recebidas para justificar suas ações. A respeito de um livro sobre os carrascos nazistas, o militar escreveu: “tenho pensado muito nas consequências das ordens dadas e recebidas, pois nunca podemos esquecer que algum julgamento terá, e não meramente alegações de estava fazendo por ordem de alguém ou por comprometimento com o seu país”.

Autoridades não respondem

À assessoria de imprensa do Exército, a Ponte enviou as seguintes perguntas.

- 1) Qual era a natureza do trabalho do capitão Willian como infiltrado? Que tipo de parceria foi firmada entre o Exército a Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo?
- 2) Há quanto tempo esse trabalho era realizado?
- 3) Qual era o objetivo? Por que usar o Exército para monitorar movimentos de esquerda?
- 4) Que autoridade autorizou essas ações de infiltração?
- 5) Como o Exército avalia o resultado desse trabalho, já que os jovens presos foram inocentados na Justiça?
- 6) Há outras ações de infiltração em andamento? Em quais estados? Quantas pessoas o Exército mantém infiltrados hoje em movimentos de esquerda?
- 7) O Exército pretende pedir desculpas às famílias dos jovens que foram presos sob acusações falsas?
- 8) O Exército pretende pedir desculpas às mulheres que foram enganadas por Willian no Tinder?

O Exército não respondeu.

Às assessorias de imprensa da Polícia Militar e da Secretaria da Segurança Pública (SSP), coordenada pela CDN Comunicação, a Ponte repetiu algumas das perguntas anteriores e acrescentou mais duas.

A PM vai admitir que o coronel Dimitrius Fikatorius mentiu ao dizer na última coletiva que os jovens do CCSP foram presos numa abordagem motivada por “atitude suspeita”?

Como a SSP viu a decisão do juiz Rodrigo Tellini de Aguirre Camargo, que comparou as prisões desse caso à ditadura, dizendo que “esse tempo, felizmente, já passou”?

Segurança Pública e PM também não responderam.

Comentários

207 Comentários



BRASIL

Apontado como infiltrado por manifestantes é capitão do Exército

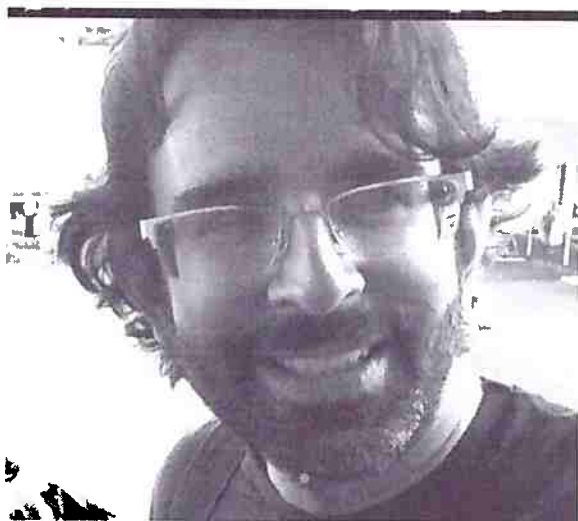
Willian Botelho é militar da área de inteligência e se apresentava no Tinder e no Facebook como Balta Nunes



M. R.

São Paulo - 9 SET 2016 - 23:12 CEST

Apontado como infiltrado num grupo de manifestantes anti-Temer que acabou preso em controversa ação da polícia no domingo, Willian Pina Botelho, que se apresentava nas redes com o nome de Balta Nunes, é capitão do Exército. "Estudamos juntos no Instituto Gammon, em Lavras (MG)", disse a este jornal um conhecido do militar, que não quis se identificar. Segundo ele, Botelho é "sério, estudioso" e iniciou sua carreira no Exército no setor de leilões. Ao menos desde 2013, está no serviço de inteligência do Exército.



Balta, 37

Maguary

UEFL - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Na segunda-feira, EL PAÍS adiantou que Balta, como até então era conhecido, fora apontado como o infiltrado por alguns dos manifestantes detidos e liberados por decisão da Justiça na segunda-feira, que considerou a prisão irregular. Além dos depoimentos, vários elementos do episódio chamaram atenção para ele, como a escolta para local diferente da que o grupo envolvido foi levado e comportamento

Uso de cookies

Usamos cookies próprias e de terceiros para melhorar sua experiência de navegação e oferecer conteúdos e publicidade de interesse para você. Ao continuar navegando por este site, entendemos que você aceita a nossa política de cookies.

Democracy is the road to socialism.
Karl Marx

Imagem do perfil no Tinder de Wilian Botelho.

conhecidos não duvidam ao
identificá-lo.

Botelho é oficial do Exército, bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras e mestre em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Em novembro de 2013 publicou um artigo na revista *A Lucerna*, uma publicação da Escola de Inteligência Militar do Exército. Discorreu sobre *A inteligência em apoio às operações no ambiente terrorista*. Segundo o portal da Transparência, o militar está na ativa desde 1998, o que significa que não se afastou das funções para se infiltrar entre os manifestantes.

Procuradas, as assessorias de imprensa do Exército e da secretaria de Segurança Pública não haviam se manifestado até o fechamento desta reportagem.

De acordo com Bernardo Wahl, especialista em segurança internacional, embora não seja comum, não seria uma surpresa se o Exército estivesse realizando uma operação de monitoramento de alguns grupos, levando-se em conta os últimos eventos ocorridos no Brasil, como a Copa e a Olimpíada. "O Exército fazer isso não seria uma prática comum", diz. "Em um contexto de manifestações, espera-se que a Polícia Militar tenha um papel de maior protagonismo. Mas num contexto onde os Jogos Olímpicos ocorreram, do aumento da percepção no Brasil sobre a força terrorista, pra mim não é estranho que o exercito atuasse."

MAIS INFORMAÇÕES

Manifestantes vão à casa de Temer em São Paulo no terceiro ato da semana

Cinco vídeos que contestam a versão da PM sobre a manifestação em São Paulo

Ato contra Temer em São Paulo acaba sem violência no 7 de setembro

Fotógrafos relatam violência policial em protestos em São Paulo

Uso de cookies

Usamos cookies próprias e de terceiros para melhorar sua experiência de navegação e oferecer conteúdos e publicidade de interesse para você. Ao continuar navegando por este site, entendemos que você aceita a nossa [política de cookies](#).

Estado democrático de direito onde vivemos, essa operação aconteceu".

Wahl não acha que monitorar determinados grupos tenha como finalidade minar as manifestações, embora o especialista não descarte essa possibilidade. "Mas num contexto de levantar informações de grupos que podem ser ameaças como grupos de violência, isso é uma prática que acontece." Ele aponta as ações de adeptos da tática black bloc como possível justificativa para os supostos monitoramentos. Segundo a Lei de Garantia da Lei e da Ordem, de 2013, "indivíduos ou grupo que se utilizam de métodos violentos para a imposição da vontade própria em função da ausência das forças de segurança pública policial" podem ser considerados "agentes de forças oponentes".

Sem antecedentes e Tinder

Vários integrantes do grupo detido acreditam terem sido alvos de uma emboscada e apontam os passos do militar nas redes sociais e no próprio domingo da prisão para corroborar sua versão. Segundo publicou a *Ponte Jornalismo*, sob o codinome de Balta Nunes, o militar entrou no Tinder, aplicativo de relacionamentos, citando Karl Marx em sua descrição. Dizia para as meninas, de acordo com os depoimentos, que procurava "alguém de esquerda" para se relacionar. Começou a confirmar presença em eventos criados no Facebook que convocavam para as manifestações anti-Temer que ocorreram nas últimas semanas em São Paulo. No último domingo, formou parte de um grupo no WhatsApp chamado *13h Metro Consolação*, criado para que as pessoas – que não se conheciam pessoalmente, apenas pelos grupos no Facebook – se encontrassem e fossem juntas ao ato contra Michel Temer na avenida Paulista.

Chegando no metrô Consolação no horário marcado, Balta convenceu o grupo a ir até o Centro Cultural Vergueiro, a alguns quilômetros de onde a manifestação seria realizada. O grupo foi, a pretexto de encontrar outras pessoas lá. Um helicóptero da polícia acompanhou o trajeto inteiro. O grupo de 22 pessoas, incluindo o militar, foi abordado pela Polícia Militar no centro cultural e levado para o Departamento Estadual de Investigações Criminais (DEIC).

Uso de cookies

Usamos cookies próprias e de terceiros para melhorar sua experiência de navegação e oferecer conteúdos e publicidade de interesse para você. Ao continuar navegando por este site, entendemos que você aceita a nossa política de cookies.

O grupo de manifestantes que foi detido no domingo, supostamente com a ajuda do militar, não tinha passagem pela polícia, não se assumiu como adepto da tática black bloc e não fazia parte de alguma organização ou partido. "O Brasil como Estado Democrático de Direito não pode legitimar a atuação policial de praticar verdadeira 'prisão para averiguação' sob o pretexto de que estudantes reunidos poderiam, eventualmente, praticar atos de violência e vandalismo em manifestação ideológica. Esse tempo, felizmente, já passou", disse o juiz Paulo Rodrigo Tellini de Aguirre Camargo ao liberá-los na segunda-feira.

ARQUIVADO EM:

Polícia militar · Exército profissional · Manifestações · Protestos sociais · Forças armadas · Mal-estar social · Brasil · América do Sul · América Latina · Defesa · América

CONTEÚDO PATROCINADO



**Quer Ficar Rico?
Conheça as 10
Atitudes que Estão**

(GUIAINVEST)



**Tecnologia de
espionagem barata.
Rastreie seu veículo**

(REDE VERMELHA)



**Ele perdeu o
emprego e depois
ficou rico**

(QUER DINHEIRO)



**Professor Que Ensina
Falar Inglês em 4
Meses é Odiado Pelas**

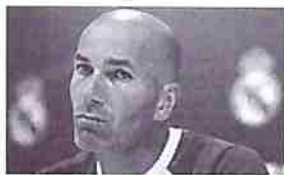
(INGLÊS DO JERRY)

VEJA TAMBÉM...



**O que é o lúpus, a
doença que vitima
Selena Gómez?**

(EL PAÍS)



**Zidane: "Acho
injusta a sanção da
FIFA, é um absurdo**

(EL PAÍS)



**Cristovam Buarque:
"Meus eleitores estão
revoltados, mas**

(EL PAÍS)



**Cinco vídeos que
contestam a versão
da PM sobre a**

(EL PAÍS)

Recomendado por

© EDICIONES EL PAÍS, S.L.

[Contato](#) [Venda](#) [Publicidade](#) [Aviso legal](#) [Política cookies](#) [Mana El PAÍS no KIOSKO](#) [MÁS](#) [Índice](#) [RSS](#)

Uso de cookies

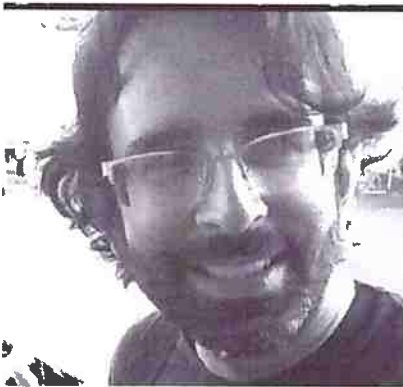
Usamos cookies próprias e de terceiros para melhorar sua experiência de navegação e oferecer conteúdos e publicidade de interesse para você. Ao continuar navegando por este site, entendemos que você aceita a nossa [política de cookies](#).

Exército apura caso de capitão apontado como infiltrado por manifestantes em SP

Militar usou nome falso no Tinder para se aproximar de jovens e levá-los para local onde foram presos

POR THIAGO HERDY

10/09/2016 16:34 / atualizado 10/09/2016 18:21



Balta, 37

Maguary
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
1 km de distância

Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres.

Democracy is the road to socialism.
Karl Marx

Imagem do perfil no Tinder de Willian Botelho - Reprodução

SÃO PAULO - O Centro de Comunicação Social do Exército informou neste sábado que "apura as circunstâncias" em que um capitão da corporação se infiltrou no grupo de manifestantes presos no último domingo durante manifestações contra o governo Michel Temer e a favor de eleições diretas para presidente na Avenida Paulista. Reportagem do site do jornal espanhol "El País" identificou o capitão do Exército Willian Pina Botelho como a pessoa que se passou por militante antigoverno, com nome falso, e convenceu um grupo de manifestantes a se deslocarem para um local distante da manifestação onde foram presos em ação da Polícia Militar (PM) antes da realização do protesto.

PUBLICIDADE

ÚLTIMAS DE BRASIL

Planalto avalia que Cunha perdeu o poder e não teme ameaças
13/09/2016 17:26



Cunha reage: 'ventos de dezenas de inquiridos chegam a Renan'
13/09/2016 17:15

Vereador é detido pela Justiça Eleitoral sob acusação de distribuir óculos em Paquetá
13/09/2016 17:10



Cassado, Cunha segue 'deputado' nas redes sociais
13/09/2016 16:51

Veja também

Secretaria de Segurança apura confusão envolvendo policiais em bar de SP



Coronel da PM zomba de manifestante que teve olho perfurado em protesto



Governo de SP diz que abuso policial em protesto está sendo investigado



MPF vai monitorar ação da PM em SP e no Rio durante manifestações

acordo com a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, os 18 detidos tinham máscaras de gás, óculos, estilingues, vinagre e itens de primeiros socorros. A PM informou que também carregavam pedras e uma barra de ferro, o que eles negam. A prisão foi classificada como ilegal pelo juiz Paulo Rodrigo Tellini de Aguirre Camargo, do Fórum Criminal da Barra Funda, que determinou a soltura imediata dos detidos no dia seguinte à prisão.

A primeira imagem de Pina Botelho foi divulgada pelo site “Ponte Jornalismo”, especializado em assuntos de segurança pública. Segundo relato de alguns dos manifestantes presos, Botelho se apresentou como “Balta” e se aproximou de manifestantes por meio do aplicativo de relacionamento Tinder e de um fórum do Facebook. Depois, ele foi adicionado em um grupo do Whatsapp.

Neste sábado, o ministro da Defesa, Raul Jungmann, informou ao GLOBO que não se manifestaria sobre o caso, mas apenas o Exército. Em nota, o Centro de Comunicação Social do Exército confirmou que o capitão William Pina Botelho é oficial da corporação, lotado no Comando Militar do Sudeste. A reportagem perguntou por que ele foi infiltrado no grupo que protestaria no domingo, se teve participação na operação que resultou na detenção de manifestantes e se a atuação do serviço de inteligência do Exército em protestos é realizada em parceria com a PM de São Paulo.

“Com relação aos fatos questionados, as circunstâncias estão sendo apuradas”, informou a corporação.

No início da noite deste sábado, o Comando da Polícia Militar de São Paulo informou em nota oficial negar “a existência de uma operação conjunta na ocasião citada pela reportagem”.

“A PM desconhece qualquer ação de inteligência que tenha sido realizada por outro órgão de segurança”, informou o órgão na nota.

PRISÕES NO DOMINGO

No último domingo, os jovens detidos desconfiaram do aparato policial mobilizado para a prisão - além de helicóptero, dezenas de viaturas foram deslocadas até o Centro Cultural Vergueiro, na Zona sul de São Paulo, local onde foram levadas por Pina supostamente para se encontrar com mais manifestantes.

Pina foi detido junto com os jovens, mas liberado logo em seguida pelos policiais. Ele apagou os registros do perfil falso depois que sua imagem foi divulgada por pessoas que haviam se comunicado com ele. Antes de apagar os perfis, publicou uma mensagem

que sua imagem foi divulgada por pessoas que haviam se comunicado com ele. Antes de apagar os perfis, publicou uma mensagem derradeira, informando que daria um tempo “por causa de pessoas que não entendem a nossa luta”.

Em novembro de 2013, Pina publicou artigo na revista “A Lucerna”, uma publicação da Escola de Inteligência Militar do Exército, com o título “A inteligência em apoio às operações no ambiente terrorista”. Segundo o portal da Transparência do Governo Federal, ele está na ativa desde 1998.

Viu alguma irregularidade na campanha? Fotografou? Fez um vídeo? Mande para o WhatsApp Eleições 2016 do GLOBO: (21) 99999-9114